

AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO

CONSELHO EDITORIAL
DA COLEÇÃO CIBERCULTURA

Adriana Amaral
André Lemos
André Parente
Alex Primo
Clóvis Barros Filho
Denize Araújo
Erick Felinto
Fernanda Bruno
Francisco Paulo Jamil A. Marques
Francisco Rüdiger
Juremir Machado da Silva
Luis Gomes
Paula Sibilía
Raquel Recuero
Simone Pereira de Sá
Vinicius Andrade Pereira

**CIBER
CULTURA**

JUREMIR MACHADO DA SILVA

AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO

3ª. Edição



Editora Sulina

© Juremir Machado da Silva, 2003

Capa

Vitor Hugo Turuga

Projeto gráfico

Daniel Ferreira da Silva

Revisão

Matheus Gazzola Tussi

Revisão Gráfica

Miriam Gress

Editor

Luis Gomes

3ª Edição 1ª Reimpressão

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: GINAMARA LIMA J. PINTO CRB 10/1204

S586t Silva, Juremir Machado
As tecnologias do imaginário / Juremir Machado da
Silva – Porto Alegre: 3ª Edição, Sulina, 2020
111 p.

ISBN: 978-85-205-0332-4

1. Ciências Sociais. 2. Sociologia do Conhecimento.
3. Sociologia da Técnica. I. Título.

Todos os direitos desta edição reservados à:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS
Tel: (51) 3110-9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Setembro/2020}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Tecnologias do imaginário e sociologia compreensiva: do conceito ao método, 7

- 1. Gênese de um conceito, 7**
- 2. Conceito de imaginário, 11**
- 3. Tecnologias do imaginário e ideologia, 18**
 - Tecnologias de controle, 28*
 - Técnica, vontade de poder e vontade de potência, 32*
 - Tecnologias da crença, 43*
 - Tecnologias do espírito/mente, 51*
 - Tecnologias da inteligência, 54*
 - Da manipulação à adesão: de Frankfurt à “servidão voluntária”, 59*
 - Da persuasão à sedução, 62*
 - Tecnologias limpas e poluentes, 66*
 - Da crítica à ironia e da educação ao prazer, 70*
- 4. Questão de método: da sociologia compreensiva às narrativas do vivido, 73**
 - Narrativas do vivido, 78*
 - Técnicas de pesquisa, 82*
- 5. Fade-out: da indústria cultural às tecnologias do imaginário, 94**
- 6. Um caso: o jornalismo como desvelamento. A cobertura como descobrimento, 102**

Tecnologias do imaginário e sociologia compreensiva: do conceito ao método

“A palavra foi dada ao homem para
que ele esconda o seu pensamento.”

Malagrida

I. Gênese de um conceito

Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário. O mesmo já tinha sido percebido por Jacques Lacan no que se refere à sexualidade: o sexo acontece no imaginário. O concreto é empurrado, impulsionado e catalisado por forças imaginais. Nisso não se esconde um velho idealismo, travestido de novo em função de uma renovação de terminologia, mas transparece uma constatação antropológica: o ser humano é movido pelos imaginários que engendra. O homem só existe no imaginário.

O que é um imaginário? Como se produz um imaginário? Quais são os instrumentos de propagação, de disseminação e de cristalização de um imaginário? A palavra imaginário virou moda na última década do século XX. Para muitos, como Gilbert Durand e Michel Maffesoli, não se tratava de nenhuma novidade. Para outros, discípulos de Jacques Lacan ou de Cornelius Castoriadis, estava em curso um deslocamento conceitual inaceitável. No mínimo, haveria confusão entre imaginário e simbólico. Houve quem buscasse a conciliação dos inconciliáveis com a expressão “imaginário simbólico”. *Coincidentia oppositorum*.

A verdade é que o termo imaginário, até então restrito ao universo acadêmico, invadiu o espaço viral da mídia. Em pouco tempo, devorou palavras, ganhou espaços e impôs-se como uma sonoridade poética e categórica. Onde antes se aplicavam os rótulos ideologia e cultura, passou a florescer a etiqueta imaginário, criando confusão e dúvidas. Por quê? Como explicar o fascínio exercido por esse conceito ambíguo e raramente definido pelos que o usam nas mais diversas e ambivalentes situações?

Fala-se de imaginário político, amoroso, social, cultural... Redundância? Contradição? Falta de rigor conceitual? Todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto. O imaginário é um mito? Imaginário é o nome que se dá à narrativa mítica contemporânea? Imaginário é a narrativa mítica da era da mídia, da “sociedade do espetáculo” (Debord), da época dos “fenômenos extremos” (Baudrillard), da complexidade (Morin), do vínculo social (Maffesoli)?

Os imaginários difundem-se por meio de tecnologias próprias, que podem ser chamadas de tecnologias do imaginário. Resta, então, definir imaginário, dar respostas às perguntas levantadas e formular um estatuto intelectual para a noção de tecnologias do imaginário. Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes.

Lacan situou o imaginário na fronteira da filosofia e da psicanálise, tomando-o como anterior ao simbólico, uma espécie de nutriente primitivo responsável por um reservatório arcaico de imagens anteriores à cultura. Po-

sicionou-o como espaço fundamental do eu, território da ilusão, da alienação, do engodo, da vinculação entre meio e indivíduo fora da ideia iluminista, de resto ilusória, de que a identidade individual seria o resultado de um contrato social. Em Lacan, o simbólico é o lugar da função paterna; o real é um excesso que não pode ser simbolizado; o imaginário, o teatro das ilusões do eu¹.

Num sentido mais convencional, o imaginário opõe-se ao real, na medida em que, pela imaginação, representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formatando-o simbolicamente. Numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau). O imaginário é uma língua. O indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação das suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação.

Todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários. Na era da mídia, parece fazer sentido a preferência pelo termo imaginário. Mas este deve sempre ser entendido como algo mais amplo do que um conjunto de imagens. O imaginário não é um mero álbum de fotografias mentais nem um museu da memória individual ou social. Tampouco se restringe ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente.

Gaston Bachelard transformou o termo imaginário

¹ Cf. Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998; “Le symbolique, l’imaginaire et le réel” in *Bulletin de l’Association Freudienne*, 1, 1982, pp. 4-13.

numa grande metáfora do encontro entre natureza e homem. Trata-se quase de uma figura de estilo, de um ordenador discursivo, de um instrumento literário, filosófico e retórico apto a traduzir imageticamente o universo difuso do pensamento humano fora dos estreitos limites da razão. Bachelard enfrentou o que se chamava então de espírito aristotélico: a incapacidade, historicamente construída, de trabalhar na penumbra conceitual, na obscuridade natural do corpuscular, na ambivalência inexorável do ondulatório, na elasticidade do pontual e do infinito, espaço imaterial onde os conceitos, contaminados pelo vivido, difratam-se, interferem uns nos outros e deformam-se².

Michel Maffesoli trouxe a palavra imaginário para um campo semântico mais geral e compatível com os múltiplos sentidos atribuídos agora ao termo. O imaginário é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patri-mônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida. Maffesoli buscou inspiração em Gilbert Durand³, leitor de Bachelard e gerador de uma perspectiva nova e frutífera de leitura do imaginário. Durand, cuja noção de trajeto antropológico⁴ introduz

² Bachelard, G. *La Formation de l'Esprit Scientifique*. Paris: Vrin, 1847, p. 106. Cf. também *La Terre et les Réveries de la Volonté*. Paris: Corti, 1948; *L'air et les songes*. Paris: Corti, 1943; *L'Eau et les rêves*. Paris: Corti, 1942; *Psychanalyse du feu*. Paris: Corti, 1938.

³ Cf. Durand, Gilbert. *Les Structures Antropologiques de l'Imaginaire*. Paris, Dunod, 1992, p. 499. O autor sustenta que “*loin d'être épiphénomène passif, néantisation ou encore vaine contemplation d'un passé révolu, l'imaginaire non seulement s'est manifesté comme activité qui transforme le monde, comme imagination créatrice, mais surtout comme transformation euphémique du monde, comme intellectus sanctus, comme ordonnance de l'être aux ordres du meilleur*”. [“Longe de ser epifenômeno passivo, aniquilamento ou ainda contemplação vã de um passado superado, o imaginário não somente se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como submissão do ser às ordens do melhor”].

um novo modo de olhar o cotidiano, tirou do existente uma nova fórmula. Pode-se dizer que o imaginário é o trajeto antropológico de um ser que bebe numa “bacia semântica” (encontro e repartição das águas)⁵ e estabelece o seu próprio lago de significados.

Tudo isso é precário, um simples perfume de teses complexas, um vazamento. O novo estudo, porém, só pode apoiar-se nos rios consagrados, mesmo sem os revisar ponto por ponto, para construir uma reflexão própria com base nas ideias semeadas pelos desbravadores. Nesse sentido, tudo é cópia, má cópia, deformação, distorção, apropriação, desvio, adulteração e dívida. A cópia sempre trai o original, que nunca foi puro. A necessidade da cópia permeia a criação. Nunca se parte do meio das águas, mas sempre de alguma ponta. Não há centro na teia do imaginário. Todas as entradas desembocam na mesma altura da malha simbólica. Tudo é nó e conexão no tecido imaginal. Cada link, feito um porto, é ponto de chegada e de partida.

2. Conceito de imaginário

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no

⁴ O “trajeto antropológico” é “*l’incessant échange qui existe au niveau de l’imaginaire entre les pulsions subjectives et assimilatrices et les intimités objectives émanants du milieu cosmique et social*” [“a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanando do meio cósmico e social”]. Durand, Gilbert. Op. Cit., p. 38.

⁵ Cf. Durand, G. *L’imaginaire*. Paris: Hatier, 1994, pp. 66-79.